

O ESTRANHO DIA DE LUÍSA

Ilan Brenman

© Fran Parreño



Resenha

Naquele dia, quando a mãe de Luísa foi acordar a menina porque muito em breve era hora da aula, ela foi logo dizendo que não gostava mais da escola. Na hora de se vestir, nenhuma cor de uniforme agradava a garota: ela dizia e repetia que não gostava de nenhum deles. Sentada na mesa, de cara fechada, Luísa se queixou do pão com requeijão e sua mãe não entendeu nada.

Mas aquele era só o começo. A cada momento, a menina se queixava de algo: do carro da mãe, das músicas, da professora, dos colegas. Ao chegar à escola, não quis nem dar um beijo de despedida. Depois da aula, já em casa, não queria que seu pai lhe desse banho. Tudo parecia estar errado naquele dia de revolta: ela não queria brincar, não queria colocar o pijama, não queria nem mesmo que a mãe lhe contasse histórias antes de dormir. O *não* da filha era tão enfático que seus pais foram dormir um tanto apreensivos, sem entender o que estava acontecendo. As nuvens só se dissiparam no dia seguinte, quando a menina acordou sorridente e entusiasmada, disposta a dizer *sim* para tudo aquilo que havia negado no dia anterior.

Nem todos os dias são iguais aos outros. Em *O estranho dia de Luísa*, Ilan Brenman nos lembra de que nem mesmo na infância todos os dias são alegres e despreocupados; há desses dias que,



Coordenação:
Maria José Nóbrega

aos nossos olhos, como aos da protagonista, tudo nos parece como amorfo e desagradável. A obra nos leva a acompanhar, do ponto de vista preocupado e atento dos pais da garota, um dia (aparentemente atípico) da vida de Luísa: a cada nova situação, a garota reafirma seu desgosto e enfado. A menina nunca diz exatamente o que lhe incomoda, mas faz questão de deixar claro que amanheceu em descompasso com o mundo. O autor parece nos lembrar que, às vezes, mais do que entender tudo aquilo que se passa com o outro, a melhor atitude é dar-lhe espaço para verbalizar suas emoções e tempo para que suas impressões mudem. Um dia não é simplesmente um intervalo de tempo: é uma janela que nos convida a interagir com a realidade exterior. Nesse intervalo corriqueiro de *um dia depois do outro*, podemos brigar ou fazer as pazes com o mundo.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Foram dois os eixos da leitura de *O estranho dia de Luísa* com meus filhos: a repetição cômica do jargão *eu não gosto* e as expressões faciais da menina protagonista.

Sentados em torno do livro, com meu filho mais velho lendo e a menor tentando “adivinhar” as reações de Luísa a cada página, fomos conduzidos com bastante leveza pela pequena história. A cada nova reação de braveza e mau humor da menina, minha filha se divertia relacionando a careta de irritação da bela ilustração ao estado de espírito da personagem.

As muitas “caras de brava” da personagem (somadas aos seus lindos cabelos encaracolados) cativaram minha pequena, que se identificou muito e riu largamente com cada uma das expressões desenhadas por Parreño. A careta de Luísa na página 24, com o travesseiro sobre a orelha e a boca aberta, arrancou uma pequena gargalhada de meus filhos!

(Grande parênteses sobre a qualidade das ilustrações. As cores, as linhas, as formas, a estilização, a composição, as texturas, a expressividade

e mesmo a escolha de cenários e figurinos são incríveis. A leve inclinação ao mangá – que poderia deixar os desenhos um tanto pasteurizados, industrializados – não impede e, talvez, até acentue a delicadeza das manchas aquareladas e da gestualidade das linhas de Parreño. É, sem dúvida, o ponto mais forte do livro para meus filhos.)

E, assim, seguimos lendo o livro diversas vezes seguidas. E, na segunda leitura, minha filha menor já se arriscava a “ler” sozinha: repetir as palavras que acabara de decorar. Isso é muito bacana de ver em uma criança de 5 anos, porque ela está num processo de aproximação com as letras e palavras escritas, então, saber o que cada página traz em formato de texto cria um vínculo entre a criança e o livro. E imagino que, de alguma forma, minha filha começa a se relacionar com os livros como ela supõe que alguém alfabetizado se relacionaria. Acompanhei esse processo com meu filho mais velho e é lindo acompanhar agora com a menor.

Ao fim da terceira leitura, minha filha pequena resolveu perguntar: “Mas por que ela ficou brava só nesse dia? Por que ela acordou feliz depois?”. Ao que seu irmão não hesitou: “Pelos mesmos motivos que você, Lelê, quando acorda brava, faz essa cara” e apontou a imagem da menina no banco de trás do carro da mãe. Ah! Isso disparou um princípio de

terremoto aqui em casa! A pequena reagiu de imediato, negando o fato e, instintivamente, contorceu a boca e as sobrancelhas até ficar muito parecida com o desenho. Ela percebeu que, de fato, por diversas vezes entrara naquele mesmo estado. Parou e pensou. Riu.

Miguel, meu filho, olhou para mim e riu com o canto da boca, dizendo: “Ela é bem bravinha alguns dias, né, pai? Acho que ela é bem igual à Luísa...”. Rimos juntos, nós três.

E mesmo depois de encerrarmos a milionésima leitura, quando nos levantávamos do sofá, meu filho comentou, já indo para o seu quarto, sem nem se voltar pra mim: “Você também é bem parecidinho com essa menina, pai. Mal-humorado...”.

É. Ele me pegou.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância

das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✕ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Quero nascer de novo!* São Paulo: Moderna.
- ✕ *A cicatriz*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✕ *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✕ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Felpe Filva*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Marilu*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.

